



FACULDADE IRECÊ  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

GABRIEL MARQUES DE PINHO  
PATRÍCIA MIRANDA DE MOURA

*“SEJA HOMEM”*: *UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A  
HETERONORMATIVIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE.*

IRECÊ-BA

2022

GABRIEL MARQUES DE PINHO  
PATRÍCIA MIRANDA DE MOURA

*“SEJA HOMEM”*: *UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A  
HETERONORMATIVIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE*

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao curso de Psicologia da Faculdade Irecê  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Psicólogo(a).

Professores orientadores: Rita Oliveira Sodré  
Alencar Machado

IRECÊ-BA

2022

GABRIEL MARQUES DE PINHO  
PATRÍCIA MIRANDA DE MOURA

“SEJA HOMEM”: *UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A  
HETERONORMATIVIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE*

BANCA EXAMINADORA

Rita Oliveira Sodré Alencar Machado  
Faculdade Irecê - FAI

Esp. Joana Grazziele Bomfim Ribeiro  
Faculdade Irecê - FAI

Me. Thiago Filgueira Pereira  
Universidade do Estado da Bahia  
UNEB

IRECÊ-BA  
2022

**“SEJA HOMEM”:** *UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A  
HETERONORMATIVIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE*

Gabriel Marques de Pinho<sup>1</sup>

Patrícia Miranda de Moura<sup>2</sup>

Rita Oliveira Sodré Alencar Machado<sup>3</sup>

**RESUMO:** A estrutura heteronormativa parte da noção binária do sexo biológico, que serve de referência para os sujeitos expressarem a sua sexualidade e como devem performar os seus corpos. Este trabalho tem por objetivo versar sobre os impactos da heteronormatividade masculina nos âmbitos individuais e coletivos, construindo um diálogo entre a psicanálise e a heteronormatividade, de tal forma que inclua o sujeito contemporâneo. Para tanto, a metodologia se vincula em uma revisão de literatura, a qual terá aporte de livros e 35 artigos analisados indexados na BVS, categorizados para discussão a partir de eixos temáticos elencado em: Os impactos psicológicos da heteronormatividade masculina na construção da subjetividade; os efeitos da heteronormatividade masculina no convívio social e a heteronormatividade masculina à luz da psicanálise. Os resultados indicam que a heteronormatividade masculina produz tantos impactos pois seus mecanismos tomam posse da subjetividade, produzindo a performance exacerbada para que a falta estrutural não seja olhada, gerando angústia nos homens que se entrelaçam nessa narrativa, bem como aos outros, tendo como resultados os altos índices de violência de gênero, altos índices de feminicídio e falta de acesso as outras formas de existir que não sejam heteronormativas.

**Palavras-chave:** Heteronormatividade; Masculinidade; Psicanálise

**ABSTRACT:** The heteronormative structure is based on the binary notion of biological sex, which serves as a reference for subjects to express their sexuality and how they should perform their bodies. This paper aims to discuss the impacts of male heteronormativity in the individual and collective spheres, building a dialogue between psychoanalysis and heteronormativity, in such a way as to include the contemporary subject. To this end, the methodology is linked to a literature review, which will be supported by books and 35 analyzed articles indexed in the VHL, categorized for discussion from thematic axes listed in: The psychological impacts of male heteronormativity in the construction of subjectivity; the effects of male heteronormativity in social interaction and male heteronormativity in the light of psychoanalysis. The results indicate that male heteronormativity produces so many impacts because its mechanisms take possession of subjectivity, producing exacerbated performance so that the structural lack is not looked at, generating anguish in men who are intertwined in this narrative, as well as in others, with the results being the high rates of gender violence, high rates of femicide and lack of access to other ways of existing that are not heteronormative.

**Keywords:** Heteronormativity; Masculinity; Psychoanalysis

---

<sup>1</sup> Docente do curso de Psicologia da FAI - Faculdade Irecê

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia da FAI - Faculdade Irecê

<sup>3</sup> Prof. Orientadora Discente do curso de Psicologia da FAI - Faculdade Irecê

## INTRODUÇÃO

Contemporaneamente diversos questionamentos sobre a sexualidade não cessam de pulsar na vida de um contingente massivo da sociedade, dentre tantas, algo parece estar revirando o que entendemos pelo significado de ser homem. A padronização, o estereótipo e as certezas que dizem corresponder a marcadores universais, acabam por se chocar com o não homogêneo e com a pluralidade que constitui a expressão da identidade humana (SILVA, 2006).

Dessa forma, dentro do padrão de normalidade tem a heteronormatividade que parte da noção dicotômica dos sexos biológicos para expressar a sexualidade, prescrevendo também como os sujeitos devem viver os seus desejos, se comportar e, sobretudo, como devem habitar os seus corpos (PETRY; MEYER, 2011).

Diante dessa problemática, é imprescindível colocar a psicanálise a altura dessa discussão por sua contribuição em considerar o sujeito na sua singularidade, por se interessar pela escolha do objeto, pelo destino da pulsão e os cruzamentos identificatórios atravessados pela linguagem que os sujeitos realizam ao longo da vida, vez que segundo Freud (1930), o indivíduo é fadado a sentir uma forte angústia ao renunciar os seus desejos diante do mundo simbólico – premissa essa presente na heteronormatividade masculina, no qual boa parte dos homens reproduz uma performance, abdicam os seus desejos e alguns (se não, a maioria) provocam danos em si e ao seu redor.

Com isso, a importância desse estudo justifica-se pela necessidade de colaborar com o aparato científico, a fim de promover uma contribuição teórico-metodológica no campo psicológico sobre os prejuízos oriundos da heteronormatividade, dado que a perpetuação da “noção de homem” tem sido nociva para as parcelas subjetivas e coletivas, além de existirem poucos estudos sobre este fenômeno.

Desta forma, partindo de tudo que foi supracitado, este estudo busca elucidar sobre os impactos que a heteronormatividade masculina pode causar no sujeito. Para tal, escolheu-se como caminho metodológico a revisão de literatura com a análise de dados de Bardin, com o intuito de analisar produções bibliográficas acerca do tema, objetivando compreender o sujeito diante das repercussões instauradas pela perpetuação da heteronormatividade, bem como refletir sobre as dinâmicas que constituem o mundo subjetivo da “noção de homem” pelo viés da psicanálise.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### A CONSTRUÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE

A sexualidade humana constitui-se numa dimensão muito ampla, sendo reconhecida como um direito de acordo com os direitos humanos universais (WAS, 2014). Além disso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma ser um dos pilares da qualidade de vida, que se dá num processo contínuo, que nela compreende “o sexo, a identidade de gênero, o papel social, o erotismo, prazer e reprodução”, sendo “influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, históricos, jurídicos, religiosos e espirituais”. (OMS, 2015, p. 15).

Nesse contexto, Louro (1997) não nega as concepções biológicas, mas amplia e disserta sobre uma sexualidade vivida além, que se constrói e muda ao longo da história e em determinada sociedade. Por conseguinte, a sociedade ocidental está organizada dentro de um padrão de sexualidade regulada e normatizada por um modo heteronormativo, que se instaura como prática natural na cultura (PETRY; MEYER, 2011). Vale ressaltar, que Foucault (1988), já apontava seu raciocínio acerca da gestão da sexualidade com padrões normativos através dos diferentes discursos, das inúmeras práticas sociais que produzem verdades.

Por essa razão, ao longo da história as experiências hegemônicas organizaram as relações humanas dentro de um padrão social que entende o modo heteronormativo como natural e inerente aos indivíduos, indicando que o modo de ser, e de viver os desejos corporais e a sexualidade se dirige ao sexo biológico oposto (PETRY; MEYER, 2011). Contudo, antes de pontuarmos de fato o fenômeno, é de suma importância entender o seu conceito e etiologia.

Do mesmo modo, para a compreensão do conceito de heteronormatividade, Santos (2007), sugere dividir o termo, formado pela união dos radicais “hetero” e “norma”. Assim, a etimologia do vocábulo hétero, surge do grego *heteros* que significa “diferente, outro” e da palavra norma, vem do latim *norma* que significa “de acordo com as medidas” ou “de acordo com as regras”.

Diante disso, o autor continua raciocinando que empregando o termo hetero no sentido da sexualidade, vez que, a heterossexualidade refere-se a pessoa que se relaciona sexualmente com o diferente, com o que não é do mesmo sexo. Nessa mesma linha de pensamento, a palavra heteronormatividade pode ser compreendida como a relação normal, legitimada, que está de

acordo com as regras aceitas em uma relação sexual com pessoa do sexo diferente do seu. (SANTOS, 2007).

Contudo, o termo heteronormatividade foi usado pela primeira vez por Michael Warner (1991) no ensaio intitulado “*fear of queer planet*”, nessa obra, o autor sugere que a compreensão dessa palavra está intrincada ao exercício de um desejo e orientação sexual imposta pela sociedade, denunciando uma falsa naturalização da heterossexualidade por ser “um imperativo tão fundamental para o colonialismo moderno”. (p.7).

Ainda falando sobre o conceito deste termo, Lauren B. e Michael W. (1998) entendem por heteronormatividade as instituições, estruturas de compreensão e ensinamentos práticos que fazem a heterossexualidade parecer não apenas coerente, isto é, organizada como uma sexualidade, mas também privilegiada. Partilhando da mesma ideia, Louro (2009, p. 89) confirma o “privilégio da heterossexualidade por seu *status* de normalidade”.

Sobre a necessidade de normalizar as relações, Foucault (1988) em sua obra História da Sexualidade I, aponta que a finalidade era tentar fazer do comportamento do casal uma conduta econômica e política deliberada, reduzindo práticas sexuais que não obedeciam à fisiologia da reprodução. Nessa mesma obra, o autor afirma que o grande incentivo veio dos discursos médicos, pedagógicos, da religião e que servia a um ordenamento social.

A partir disso, nota-se que a heteronormatividade, dita uma masculinidade, cria expectativas, obrigações sociais e demandas, e nessa ótica binária onde o macho e a fêmea se completam, os homens de verdade tem características físicas e comportamentos descritos como fortes e corajosos (MISKOLCI, 2013). Não apenas isso, mas também cria significados individuais e coletivos que influenciam na formação das subjetividades. (CASTIEL,2003).

Assim, o homem vive em um cenário que ele precisa repassar características que foram demarcadas, como o desejo sexual por uma mulher, a virilidade, o distanciamento emocional e certa agressividade, se tornando o causador e a vítima de um sistema que tolera poucas falhas (SILVA, 2006). Acresce também, o cenário em que Bourdieu e Kuhner (2012), utilizam o conceito de violência simbólica para abordar de forma crítica, a violência que é invisível às próprias vítimas.

Conseqüentemente, além da violência simbólica, existem apontamentos para o fato de que homens que estão presos à concepção hegemônica de masculinidade, são descuidados com a própria saúde, por medo ou vergonha de procurar o serviço de saúde (ALVES *et al*, 2011). Em conformidade com isso e por entender que muitos dos problemas que afetam a saúde do

homem não são apenas de ordem biológica, mas cultural e social, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PSH) surge com o objetivo de aproximar a população masculina dos serviços de saúde. (BRASIL, 2009).

## A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE “HOMEM” SOB OS CORPOS ATRAVÉS DA ÓTICA PSICANALÍTICA

Torna-se inevitável abordar a construção antropológica sem falarmos sobre as nuances e os desdobramentos da sexualidade. Tal princípio, a partir de Ambra e Silva (2010) não é algo que acontece apenas nas vivências jovens e adultas como propostas em um “achismo” cultural, mas também remonta toda a estruturação psíquica dos indivíduos desde a primeira idade, tendo como grande exemplo toda a epopeia edipiana proposta por Freud (1969) evidenciando a presença desse princípio em toda a existência humana.

Alicerçado nisso, fica evidente que a sexualidade se debruça em uma infinidade de possibilidades, no entanto, existe um campo desse universo que ainda permeia diversos debates, empíricos e sociológicos devido a sua origem, desenvolvimento e principalmente o mistério em sua estruturação – que não obstante, se consolidará como ideia principal desse trabalho: O gênero.

Nessa direção, várias abordagens e várias teorias se entrelaçam nas questões de gênero, vez que os escritos de Louro, (1997) deixam claro que por muito tempo – em específico a partir da era vitoriana - acreditou-se que os fatores biológicos (nascer macho ou fêmea) determinariam a vida dos sujeitos. Embora, alguns postulados de cunho psicanalítico já denunciavam de forma não determinista de que “o gênero é uma noção” (GARCIA, 1998; SPENCER, 1996; ALMEIDA, 1995), principalmente quando Jacques Lacan (1958), pontuou que tais posições masculinas e femininas que a sociedade dispõe como “gênero”, nada mais são do que posições criadas pela linguagem e sustentadas pelo mundo simbólico.

À vista disso, como posições criadas e atravessadas pela linguagem, Garcia (1998) aponta que pelo fato de vivermos em uma sociedade patriarcal, as mulheres muitas vezes são dominadas, silenciadas e impulsionadas a reprodução de papéis maternos, enquanto os homens bancam uma existência pautada em signos autoritários que residem numa polaridade negativa (não poder chorar, demonstrar seus sentimentos, não agir com símbolos femininos, não amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não ser um fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais, etc.) e afirmativa (ser forte, corajoso, pai, heterossexual, macho, viril,



provedor da família, dominador, destemido, determinado, autoconfiante, independente, agressivo, líder, etc.)

Nesse sentido, em base de alguns autores psicanalíticos, podemos pontuar que em termos da própria abordagem, a noção do “ser-homem” permeou o imaginário cultural e coletivo como uma posição fálica, que renuncia de forma brusca a aceitação do seu *objeto-a*<sup>4</sup>, tendo o seu corpo egóico invadido pelo *Outro*<sup>5</sup>, buscando a plena satisfação das suas pulsões através do *gozo do Outro*<sup>6</sup> – que acaba validando a sua existência perante os *significantes*<sup>7</sup> impostos e normatizados sobre o que o homem dever ser ou fazer. (CECCARELLI, 2013; BUTLER, 2003; AMBRA, 2014; BORDIEU, 2019).

Percebe-se aqui, que a suposta renúncia a falta pelos que se identificam homens é o grande pilar de sustentação e perpetuação dessa figura de homem, visto que segundo Mesquita e Corrêa (2021), para estes, não se trata mais de uma relação social e pessoal com o outro, mas uma forma de manter mais forte a sua própria posição. Com isso, podemos pensar que a figura de homem tem se tornado tão nociva devido às suas sequenciais tentativas de coesão para a manutenção do conjunto fálico da sua própria fantasia, em que a violência, virilidade, dominação e rejeição ao feminino denotam um pertencimento ao ser-homem.

## O SUJEITO DESEJANTE CONTEMPORÂNEO

Um dos princípios que norteia a civilização humana é saber que estamos em constante movimento. Seja em matrizes reais, virtuais, simbólicas ou psicológicas, a forma como o sujeito se relaciona com seu entorno tem sido cada vez mais diferente do que se foi consolidado durante séculos. Essas mudanças vêm sendo observadas desde o século XX, no qual de acordo com Ribeiro (2000), desconstruções ocorreram levando a uma desintegração, a princípio lenta, não só dos valores vigentes da família, da moral e da sociedade, mas também a uma transformação radical nos meios de comunicação, fator relevante para o aumento das manifestações culturais, sexuais e intelectuais.

Desse modo, essas consequências são atribuídas ao fenômeno da velocidade, vez que o processo de globalização – em específico da região ocidental do planeta – aniquilou a ideia unificada de tempo e nos proporcionou o que David Harvey (1979) nomeia de compressão do

---

<sup>4</sup> A partir de Lacan, o *objeto-a* anuncia o registro da falta na psique do sujeito.

<sup>5</sup> *Outro* é o lugar em que se situa a cadeia do *significante* que comanda tudo que vai poder *presentificar-se* do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer

<sup>6</sup> Conjunto de satisfações do outro simbólico

<sup>7</sup> O sentido singular/subjetivo que o sujeito atribui a algo

tempo-espaço, vez que passamos por uma gigantesca aceleração do ritmo de vida ao passo que por uma superação de barreiras espaciais, temporais, de tal forma que o mundo às vezes parece estar implodindo sobre nós. Por conseguinte, conforme aos pensamentos de Birman (2001) para poder processar tal quantidade de informações, o homem ocidental moderno teve que adotar uma linguagem diferente, globalizada e gerando como sequela uma perda de sua identidade cristalizada através de valores conservadores.

Assim sendo, tal ruptura consolidou uma desuniformização, desalienando não só do discurso do grande outro que habitava a sociedade até o século XX, mas também um rompimento da realidade com a inserção do virtual. Desse modo, tudo se torna possível, havendo a flexibilização das vivências exigidas pelo imaginário conservador, viabilizando um maior conforto em compreender e praticar sua própria existência, explanar as suas opiniões, entender o seu próprio desejo e principalmente manifestar a sexualidade – Não eliminando a angústia em relação ao mundo simbólico normativo (RIBEIRO, 2000; BIRMAN, 2001).

Tal ênfase é notória, pois segundo Lima (2019) percebe-se que o neosujeito do mundo ocidental transforma a noção de sexo para além de uma atividade ou mero aspecto trivial do cotidiano, tornando assim, um elemento central, e mesmo uma condição existencial dos sujeitos. Tal ponto pode ser justificado a partir das concepções de Butler (2009), onde ela atribui às concepções de gênero atreladas às concepções de poder, onde em paralelo com pensamentos foucaultianos, é entendido que com a diminuição de instituições de poder, sexo foi estabelecido como uma identidade, tornando a performatividade<sup>8</sup> heteronormativa desnecessária. \*

Portanto, após os argumentos supracitados, é nítida a angústia ontológica do sujeito ocidental moderno: Conciliar o seu desejo e identidade de gênero diante do mundo simbólico e a sua heteronormatividade. Justamente por perceber e perder o sentido da posição performativa sobre o seu gênero o sujeito passa a sentir angústia por perder as suas identificações, recaindo no que Butler (1997) nomeia de melancolia de gênero: Sofrimento existencial como um resultado da condição de não ver reconhecida, no Outro, certas maneiras identitárias vigentes em uma conjuntura de relações heteronormativa.

## **METODOLOGIA**

---

<sup>8</sup> *Uma série de atos, gestos, estilizações corporais e outros elementos do discurso que, pela sua repetição citacional, engendram a ilusão óptica de que ali haveria alguma fixidez interior e anterior, uma fixidez coerente, substancial, unitária e necessária.*

## DESENHOS DA PESQUISA

O presente estudo se caracteriza como uma revisão de literatura, no formato integrativo, o qual possibilita a combinação de dados, a definição de conceitos e a identificação de lacunas na área de pesquisa. Além disso, efetuaram-se procedimentos da pesquisa bibliográfica, uma vez que se fez uso de materiais já elaborados na busca e alocação de conhecimento.

Sendo assim a abordagem da pesquisa é de cunho qualitativo, pois, segundo Gil (2010), busca fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados com característica descritiva e explicativa em razão de expor as características do fenômeno, além de identificar os fatores que causam um determinado fenômeno.

## AMOSTRAS DA PESQUISA

Para compor a amostra do estudo foram selecionados artigos das bases de dados eletrônicos como SciELO, Pepsic, Periódicos, Revistas científicas e livros.

## CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

### *Crítérios de Inclusão:*

Foram inclusos ao estudo, textos que: 1) abordaram de forma relevante sobre heteronormatividade, noção de homem na psicanálise, masculinidade e/ou a relação entre eles; 2) publicações nacionais e internacionais; 3) textos publicados pelo viés da Psicologia, Psicanálise, Sociologia sobre os temas citados no tópico 1.

### *Crítérios de Exclusão:*

Para exclusão, foram utilizados os seguintes critérios: Artigos que não possuem relação ou sem relevância com o tema abordado, bem como artigos duplicados.

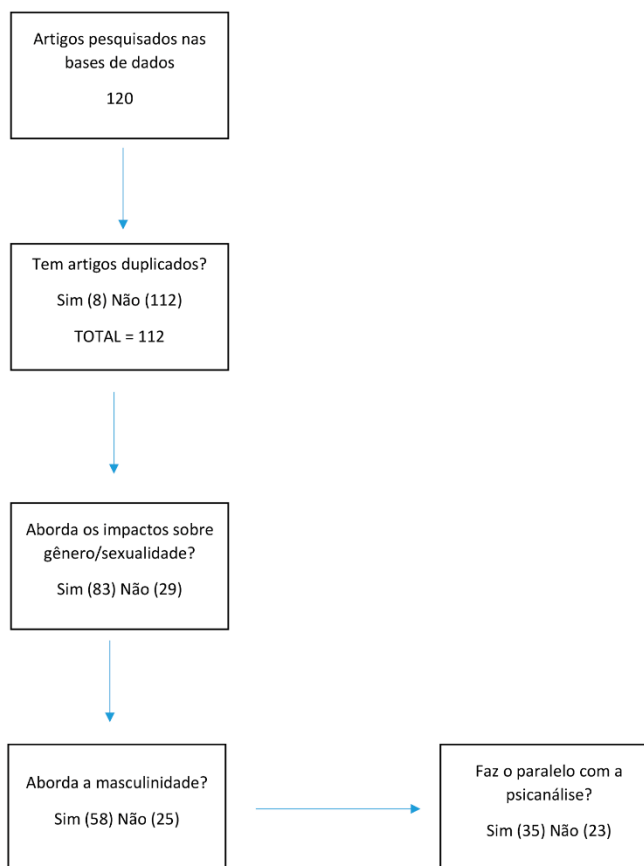
## PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

A princípio como método de procedimento, pesquisamos artigos a partir dos descritores: Noção de homem; Heteronormatividade; Masculinidade e psicanálise. Foram também aplicados os critérios de inclusão e exclusão e conseqüentemente a compilação dos dados com suporte da revisão integrativa.

Nesse sentido, a partir da busca realizada, foram encontradas no total 120 referências, no período de 1995 a 2021, no banco de dados da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Para

tanto, foram utilizadas as palavras chaves: Heteronormatividade, masculina, subjetividade e psicanálise, agrupadas de diferentes maneiras, com o objetivo de captar um conjunto de trabalhos que realmente represente o que se pretende investigar.

Assim, surge o processo de exclusão embasado nos objetivos geral e específicos é visto no fluxograma abaixo:



**IMAGEM 1: Fluxograma de seleção de conteúdo**

*Fonte: Elaboração própria (2022)*

## ANÁLISE E PROCESSAMENTO DE DADOS

Os dados coletados foram processados e analisados de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), a qual se configura como um agrupamento de técnicas para analisar a comunicação e a descrição de conteúdo, sendo dividida em três fases: *pré-análise*; *exploração do material*; *tratamento dos resultados*. Na primeira fase da análise de conteúdo, a *pré-análise*, retomamos os objetivos – tanto o geral quanto os específicos – e realizamos a busca por

materiais alinhados. Após as buscas, efetuamos a seleção dos materiais a partir dos critérios de inclusão e exclusão, bem como definimos os quais possuem maior relação com o estudo e iniciamos a leitura flutuante do conteúdo filtrado.

Nessa direção, partimos para a segunda etapa, a *exploração do material*, no qual, a partir de leituras mais aprofundadas e de sua categorização por relevância e descrição do conteúdo, utilizamos unidades de recorte para destrinchar e categorizar os dados dos materiais selecionados. Por fim, o *tratamento dos resultados*, aplicamos a inferência desses conteúdos, através de uma descrição lógica, obtendo assim interpretações dos resultados e os possíveis impactos teóricos e práticos deles.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A triagem executada revelou a existência de duplicidades, que foram excluídas bem como trabalhos que não se ocupavam da exploração psicanalítica. A partir da leitura desses estudos, originaram-se 3 categorias, que atendiam aos objetivos da pesquisa; A primeira consiste em apontar os impactos psicológicos da heteronormatividade masculina na construção da subjetividade; a segunda é identificar os efeitos da heteronormatividade masculina no convívio social e a terceira explicar a heteronormatividade masculina à luz da psicanálise.

Nesse ínterim, as pesquisas apresentadas na base de dados BVS foram tratadas na plataforma de seleção *Rayyan* (<https://rayyan.ai/>), a fim de apresentar um panorama da relação da incidência de referências sobre essa temática, utilizou-se os seguintes descritores combinados: Masculinidade E Psicanálise; Heteronormatividade e Psicanálise; Heteronormatividade Masculina; Heteronormatividade Masculina e Psicanálise; Heteronormatividade e Subjetividade Masculina; que resultou nos dados apontados na tabela 1, que pode ser visto a seguir:

Descritores	Total de Artigos	Artigos Incluídos	Artigos Excluídos	“Pode-Ser”	Artigos Duplicados
Masculinidade E Psicanálise	56	14	32	7	8

Heteronormatividade e Psicanálise	8	6	2	0	0
Heteronormatividade Masculina	51	15	29	0	0
Heteronormatividade Masculina e Psicanálise	1	0	1	0	0
Heteronormatividade e Subjetividade Masculina	4	0	2	2	0
<b>TOTAL</b>	120	35	66	9	8

**TABELA 1: Seleção dos artigos a partir dos descritores**

*Fonte: Elaboração própria (2022)*

## OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA HETERONORMATIVIDADE MASCULINA NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Considerando os impactos da heteronormatividade e como ela se articula com a subjetividade, as autoras Souza e Langaro (2011), pontuam que os discursos que carregam as marcas de configurações de gênero, alimentam a rede simbólica coletiva e singular que produz formas de subjetivar, qualificando e desqualificando aqueles que correspondem a esse modelo, que é idealizado a priori. Nesse movimento, os artigos estabelecem relação como a maneira hierarquizante imposta por esse molde, se alia a outras formas opressivas perpetradas, como por exemplo, questões étnicas e de classe, alcançando níveis perversos de violência e opressão. (QUARTIERO; NARDI, 2011).

Arelado a isso, a partir das análises feitas, foram encontradas referências que indicam que as práticas de gênero dos homens que estão engendradas nos moldes da heteronormatividade, constituem-se como importantes meios de desigualdades e que consequentemente desembocam em violências. Os autores observam também, que a universalidade e a verdade sobreposta a matriz binária de gênero, converteu-se num modelo produtor e regulador da subjetividade. (SOUZA; LANGARO, 2011; QUARTIERO; NARDI, 2011).

Por conseguinte, infere dos textos que o estabelecimento de pares opostos, a atribuição de um sentido específico a eles, e a divulgação da ideia de que esse sentido é a verdade, consolida disposições produtoras de isolamento, silenciamento dos sujeitos e negações, onde por vezes, se misturam a destruição de si e a incorporação, no outro, do que se quer destruir. Os trabalhos trazem que essas oposições atribuem qualificações e valores as pessoas que compõe a realidade, produzindo preconceito e estigmas. (SOUZA; LANGARO, 2011).

Assim, Quartiero e Nardi (2011), dizem que existe um lugar sublinhado para o outro; o coerente, geralmente, se refere a um ideal que é heteronormativo e quem não corresponde é colocado a margem, distanciado e recebe características negativas. Ao serem desqualificados, essa forma de tratamento traz impactos na autoestima, gera vergonha de si, angústia e sofrimento psíquico.

#### EFEITOS DA HETERONORMATIVIDADE MASCULINA NO CONVÍVIO SOCIAL

Normatizar, em seu escopo teórico apontado por Rojas (2019), traz como significado o conjunto de como algo deve ser feito/seguido para chegar a um determinado objetivo. Quando isso é colocado na dimensão humana, inúmeras problemáticas sociais são levantadas, pois segundo os estudos vistos nesse trabalho, com ênfase nas falas de Braga et al., 2018, assim como normatizar é limitar e descartar vários possíveis conjuntos, a normatização humana resulta em um processo de não reconhecimento do outro como humano, provido de razão e liberdade, transformando-o em coisa – muitas vezes passível de eliminação.

À vista disso, os prejuízos são ainda maiores quando se é colocada a normatização diante da infinidade de possibilidades que são geradas pela sexualidade e pelas orientações de gênero, visto que segundo a autora Wang (2005), as contribuições dos estudos da área auxiliaram consideravelmente para o entendimento de novas orientações e o aumento considerável das manifestações e liberações não só sociais, mas políticas.

Consequentemente, por vivermos em um mundo simbólico permeado por insígnias heterossexuais, os artigos denunciam que muitas vezes por raízes estruturais (cultura, religião, instituições políticas, etc.), a heteronormatividade masculina se enquadra como um pressuposto regulador dos afetos, modos de funcionamento do desejo, corpo e relações, punindo quaisquer modos de existência que não sigam os padrões héteros do homem (ser viril, agressivo e dominador), enquanto a mulher ser submissa e passiva. (ESTECA, 2016)

Tal ponto é fundamentalmente prejudicial, pois os artigos correlacionados evidenciam de forma abrupta o que tem acontecido nas últimas décadas: Mulheres que não assumem o papel prescrito sendo excluídas; Aumento rápido e gradativo dos casos de homofobia e violência de gênero; Discriminação social dos homens que não seguem o papel heteronormativo; Silenciamento emocional dos próprios homens em relação as suas demandas psíquicas e até fisiológicas, tendo grandes números em relação às patologias (como câncer de próstata) direcionados ao público masculino (BAÉRE; ZANELLO; ROMERO, 2015; MANDELBAUM; SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 2016).

Atrelado a isso, os estudos de Antunes et. Al (2021), colocam que, em um viés social ainda mais maximizado, a heteronormatividade masculina age como processo poderoso de regulação dos corpos na nossa sociedade, produzindo formas de agenciamento e aliciamento, como um modo de produzir efeito, que tornam a heterossexualidade uma forma única e natural de existência legítima - impactando na cultura, meios de comunicação e saberes geracionais, produzindo ainda mais exclusão, violências e discriminação.

Assim, conclui-se a partir das contribuições de Braga et al., 2018., que a heteronormatividade se configura como uma ferramenta histórica, que reproduz violências àqueles que não estão dentro da norma, tornando tais práticas como forma de punição e regulação social – promovendo por sua vez uma hierarquia sobre os modos de existir, impulsionando modos de funcionamento.

## OS IMPACTOS DA HETERONORMATIVIDADE MASCULINA A LUZ DA PSICANÁLISE

Ponderando a heteronormatividade masculina como sendo um fenômeno performático de subjetivação, que se estrutura em função da repetição e reiteração de normas, Bonfim, Vidal e Viana (2021), afirmam que a construção histórica e social da sexualidade masculina pode ser compreendida como um processo que surge com o intuito de produzir um efeito de naturalização, o qual consiste na definição de limites e de fronteiras, promovendo inclusões e exclusões. Contudo, como se é observado nas leituras psicanalíticas abordadas por Arán (2011), a normatização nunca é completa, vez que corpos nunca obedecem completamente às normas pelas quais a sua materialidade é fabricada, ocasionando em inúmeras faltas.

Nesse sentido, encontra-se o primeiro “furo” da conjuntura heteronormativa: O homem nunca de fato seguirá o papel em que foi designado, pois os seus desejos, pulsões e gozos estão



presentes em sua constituição. Nesta continuidade, é válido apontar de acordo com a leitura de Cossi (2010), tal energia libidinal se destinará a algo - seja pela via da realização, quanto pela via da angústia sendo esta segunda, a causadora de discussões das inúmeras consequências ocasionadas pela heteronormatividade, analisadas por autores psicanalíticos.

O primeiro ponto percebido como impacto é a angústia latente nos próprios homens que gira em torno do silenciamento. Estes, segundo Esteca (2016), vêm sentindo cada vez mais que performar normas e regras existenciais de “como deve ser um homem” não participa mais da sua jornada existencial. Contudo, devido ao estruturalismo de insígnias macho-viris, ainda não se tem repertório suficiente para conciliar o desejo em detrimento ao mundo simbólico – Como apontava Silva et. al (2021) ao citar “Mal estar na civilização” (1930). Com isso, os homens cisgêneros, pela ausência de estratégias e de enfrentamento da própria responsabilidade, vêm tornando essa angústia recalcada em inúmeras “feridas” no mundo simbólico, silenciando outras formas de existir e a si mesmo.

Outro ponto observado se vincula na mesma narrativa de silenciamento, porém percebida na externalização. De acordo com os postulados dos autores Silva et al. (2021), e Souza e Langaro (2011), embasados por Freud (1974) e Freire (1968), à relação opressor-oprimido que a heteronormatividade causa nos próprios homens é similar relação com a relação sadomasoquista, promovendo por sua vez uma dependência emocional entre os integrantes, na qual o homem oprimido pela perpetuação de insígnias fálicas, se entrelaçaria ao polo sádico e assumiria uma relação de identificação com o opressor (figura heteronormativa) para tentar superar a angústia sintomática – fechando assim o mecanismo de perpetuação desse funcionamento e impactando públicos como o LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersex, agêneros, assexuados e mais) e formas ditas como “femininas” de existir.

Tais pontos denunciam o que Barbarini e Martins (2018), denotam de “um percurso natural”, o qual coloca o homem diante da perda do gozo constitutiva do sujeito, fazendo com que estes procurem referências nas vias das produções culturais, entendendo a cultura como um ser simbólico: O grande outro. No entanto, devido ao fato de os ditos homens possuírem grandes dificuldades em assumir a sua falta constitutiva, cumprindo o que Barbarini e Martins (2018), e Mandelbaum, Schraiber e D'oliveira (2016), postulam sobre os resquícios do estádio do espelho, no qual a agressividade um fator inerente à estrutura narcísica do eu, que, para se constituir, deverá ceder a uma representação unitária de si mesmo ao se identificar a uma

imagem: “Para me constituir dependo do olhar do Grande Outro<sup>9</sup>”, outro esse, heteronormativo e agressivo, que faz da violência, um excesso pulsional que produz ruptura dos laços sociais, ruptura do tecido simbólico e com o Outro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, a análise desses textos nos permite concluir que os objetivos desse estudo foram alcançados, vez que se puderam compreender as raízes patriarcais e principalmente institucionais que operacionalizam o status quo da noção de homem, onde estes reproduzem performances viris e agressivas para não perder as suas posições de poder e na luz da psicanálise, não se sentirem faltosos – o que gera o impacto psicológico da angústia.

Atrelado a isso, com os estudos percebeu-se que nos textos, que possuíam vieses psicanalistas, são recorrentes os discursos cristalizados de gênero, onde se o sujeito não está no âmbito feminino, está no masculino, desconsiderando por vezes a fluidez de gênero e o guarda-chuva de orientações presentes na cúpula LGBTQIA+.

Por fim, é imprescindível que haja uma continuidade da aproximação da teoria psicanalítica com as subjetividades contemporâneas e as novas formas de desejar que as culturas vêm produzindo, para que ela também possa ser vista como uma via fecunda de explicação, nunca definitiva ou normativa, sobre as possibilidades da potência envolta da pluralidade humana, corroendo assim, a imobilidade dos discursos trazidos pela sexualidade heteronormativa.

---

<sup>9</sup> Segundo Lacan (1979), o Grande Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer (p. 193-4). Tudo surge da estrutura significante.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ALVES, Railda Fernandes et al. **Gênero e saúde**: o cuidar do homem em debate. *Psicologia: teoria e prática*, v. 13, n. 3, p. 152-166, 2011. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/1938/193821358012.pdf>>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

AMBRA, Pedro Eduardo Silva. **Pode a psicanálise pensar o Homem? Notas sobre a noção de masculino em Lacan**. *Revista Espaço Científico Livre*, n. 14, jun.-jul. de 2013

ANTUNES, Camila Veloso et al. **“Eu tento não me esconder, nunca”**: estratégias utilizadas pelos profissionais gays e lésbicas para minimizar os estigmas sexuais nos espaços de trabalho. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)* [online]. 2021, n. 37 [Acessado 20 maio 2022], e21205. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21205a>>. Epub 09 Jun 2021. ISSN 1984-6487. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21205a>.

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska; ROMERO, Ana Carolina. **Xingamentos entre homossexuais**: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? *Revista Bioética* [online]. 2015, v. 23, n. 3 [Acessado 20 maio 2022], pp. 623-633. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-80422015233099>>. ISSN 1983-8034. <https://doi.org/10.1590/1983-80422015233099>.

BARBARINI, Neuzi; MARTINS, Daniel. Fauth. Washington. Masculinidade como instituição: uma análise conceitual do “ser homem” no Brasil. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 36, n. 92, p. 216–236, 2019. DOI: 10.7213/psicolargum.36.92.AO05. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/25923>. Acesso em: 02 maio. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERLANT, Lauren., & WARNER, Michael. **Sex in Public**. *Critical Inquiry*, 24(2), 547–566. 1998. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1344178>>. Acesso em: 06 de out 2021.

BONFIM, Flávia Gaze; VIDAL, Paulo Eduardo Viana. Encontros e Desencontros de Judith Butler com a Psicanálise. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 21(3), 1200-1219. 2021. Disponível em <Encontros e Desencontros de Judith Butler com a Psicanálise | Bonfim | Estudos e Pesquisas em Psicologia (uerj.br)>. Acesso em: 02 de maio de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. (15a ed., M. H. Kühner, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. (Obra original publicada em 1998).

BOURDIEU, Pierre; KUHNER, Maria Helena. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAGA, Iara Falleiros et al. Family violence against gay and lesbian adolescents and young people: a qualitative study. **Rev. Bras. Enferm.** v. 71, supl. 3, p. 1220-1227. 2018.

Disponível em: <[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672018000601220&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018000601220&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 maio 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (princípios e diretrizes)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Obra original publicada em 1990)

CASTIEL, Sissi. Transformações na intimidade no século XXI. **Revista de Psicanálise**, v. 1, p. 137-149, 2003. Disponível em: <[CLARISSA-A-CONSTRUÇÃO-DE-MASCULINIDADES-COMO-METÁFORAS-DA-SOCIEDADE-GAÚCHA-DA-DÉCADA-DE-1930.pdf](#) (unimontes.br)>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Reflexões sobre a sexualidade masculina**. Reverso, Belo Horizonte, 2013. Publicação semestral do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais

COSSI, Rafael Kalaf. **Transexualismo, psicanálise e gênero: do patológico ao singular** (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo), 2010.

Dicionário Etimológico. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Acesso em: 06 de out 2021.

ESTECA, Fabiana Mara. **Impactos da heteronormatividade sobre a conjugalidade lésbica: uma análise psicanalítica a partir do relato de mulheres separadas**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.47.2016.tde-16082016-104310. Acesso em: 2022-05-20.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (W. I. de Oliveira, Trad.; Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1900)

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Original publicado em 1905)

GARCIA, Sandra Maria. **Conhecer os Homens a Partir do Gênero e para além do Gênero**. In Arilha, Margareth; Ridenti, Unbehau, Sandra G., e Medrado, Benedito (orgs.). Homens e Masculinidades: outras Palavras. São Paulo: Ed. 34, 1998.

GRUPO, GAY DA BAHIA. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil relatório 2018**. Bahia, 2017, p. 1-24. Disponível em:<<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contralgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>>. Acesso em: 13 de nov. 2021

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

LACAN, Jacques. **A significação do falo**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, originalmente publicado em 1958.

LACAN, Jacques. **O homem e a mulher**. In J. Lacan, O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009. (Obra original publicada em 1971)

LACAN, Jacques. **O simbólico, o imaginário e o real**. Em Nomes-do-Pai (T. André, Trad., pp.11-53). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 (Original publicado em 1953).

LAQUEUR, Thomas. **La fabrique du sexe**. Paris: Gallimard, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36. Disponível em < guacira\_lopes\_genero\_26\_ago\_15.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e homofobia. Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MANDELBAUM, Belinda; SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia P. L. **Violência e vida familiar**: abordagens psicanalíticas e de gênero. Saúde e Sociedade, [S. l.], p. 1-5, 27 jun. 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016145768>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bjktSdHjLKrQvQJthCFVhrw/?lang=pt#>. Acesso em: 20 maio 2022.

MARQUES, Daiane Maus. **É possível uma psicanálise não-heteronormativa?** complexo de Édipo e homossexualidade nos artigos da Revista Brasileira de Psicanálise, 2015. Disponível em < É possível uma psicanálise não-heteronormativa? complexo de Édipo e homossexualidade nos artigos da Revista Brasileira de Psicanálise (ufrgs.br)>. Acesso em: 02 de maio de 2022.

MISKOLCI, Richard. **Machos e Brothers**: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. Revista Estudos Feministas, v. 21, p. 301-324, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100016>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

NARDI, Henrique Caetano; QUARTIERO, Eliana. **Educando para a diversidade**: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, [S.l.], n. 11, p. 59/87, jul. 2012. ISSN 1984-6487. Disponible en: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/1776>>. Fecha de acceso: 20 maio 2022

OMS. Organização Mundial de Saúde *et al.* **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Organização Mundial de Saúde, 2015. Disponível em <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2021

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dadmar Estermann. **Transexualidade e heteronormatividade**: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193-198, 2011. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/7375>>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

QUARTIERO, Eliana Teresinha; NARDI, Henrique Caetano. **A diversidade sexual na escola**: produção de subjetividade e políticas públicas. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 701-725, 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 abr. 2022.

ROJAS, Enrique Bautista. **Heteronormatividad escolar en México**: Reflexiones acerca de la vigilancia y castigo de la homosexualidad en la escuela. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro) [online]. 2019, n. 33 [Accedido 20 Mayo 2022], pp. 180-199. Disponible en: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.33.10.a>>. Epub 10 Feb 2020. ISSN 1984-6487. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.33.10.a>.

SANTOS, Luiz Henrique Sacchi. **Heteronormatividade e Educação**. In: Seminário de Gênero e Sexualidade na Escola, Brasília, 12 de novembro de 2007.

SILVA, Sergio Gomes da. **A crise da masculinidade**: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 26, p. 118-131, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

SOUZA, Mériti de; LANGARO, Fabíola. Desconstruir para problematizar matrizes identitárias. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 568-581, 2011. Available from <[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000300010&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300010&lng=en&nrm=iso)>. access on 20 May 2022.

SPENCER, Collin. **Homossexualidade**: uma História. Rio de Janeiro: Record, 1996.

STOLLER, Robert. **Masculinidade e Feminilidade**: Apresentações de Gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

WANG, May-Lind. Gênero: do estereótipo à subjetivação. *Cadernos de Psicanálise*, [S. l.], p. 1-3, 21 mar. 2005. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-37182>. Acesso em: 20 maio 2022.

WARNER, Michael. Introduction: **Fear of a queer planet**. *Social Text*, n. 29, p. 3-17, p. 1991. Disponível em: <https://sgrattan361.qwriting.qc.cuny.edu/files/2010/09/warnerfearofaqueer.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2021

WAS. **Declaração dos Direitos Sexuais**. 2014. Disponível em: <https://spsc.pt/wp-content/uploads/2017/01/DIREITOS-SEXUAIS-WAS.pdf>. Acesso em: 13 de nov. 2021.